

## À ATENÇÃO DE NUNO CRATO

Clara Ferreira Alves. In Expresso, 22.jun.13

"TENHO 57 ANOS E TODAS AS RAZÕES para estar (muito) zangada com este país e a maneira como destrata os seus: o meu filho (35 anos) e a minha nora (37) mudaram-se para Londres há seis anos, a minha filha mais velha (33) está na Alemanha, a minha enteada (33) em Barcelona e apenas a minha filha mais nova (27) continua em Portugal — só porque teve uma péssima experiência no estrangeiro, já que foi a primeiríssima a estrear-se, aos 20 anos, nas andanças pelo mundo. Pior, mais que se tente ou finja, não há Skype nem voos low-cost que mitiguem saudades. Acima de tudo, nada apaga a raiva que sinto pelas políticas deste país terem levado ao afastamento físico dos irmãos que adoravam estar juntos e que não vão poder partilhar o crescimento dos próprios filhos. Também sou professora, de matemática, há quase 37 anos. Estou saturada de reformas, contra-reformas, *back-to-ba-sics*, behaviorismos, construtivismos, Piaget, Popper, Polya, programas novos — mais novos — ainda mais novos, metas, competências... para quem leva as coisas a sério, como eu, são demasiados anos de formatações recorrentes. Apesar de todas as razões de queixa, pessoais e profissionais, que tenho contra quem nos governa — estes, os anteriores, os penúltimos... — NÃO fiz greve às avaliações e amanhã NÃO vou fazer greve ao exame. Entendo, pura e simplesmente, que há limites. Também os deveria haver para os governantes, mas, neste caso, o facto de estes os estarem a ultrapassar não legitima aquilo que considero ser uma rutura, por parte do educador e num momento crítico, da relação de confiança construída com o educando para que possa haver aprendizagem.

Ou, mais simplesmente; é contra os meus mais elementares princípios éticos tirar o tapete no momento da verdade a quem depende de nós, confia em nós, e a quem fizemos suar as estopinhas durante três anos de muitíssimo trabalho.

Pois, mas então os despedimentos, a sustentabilidade da escola pública, onde se arranja o dinheiro e blá-blá-blá? Simplesmente gostei de ouvi-la defender (no 'Eixo do Mal') algo que me farto de advogar há muito tempo: o pagamento de propinas por parte dos pais. 'Ah, mas então o direito à educação GRATUITA?!' Desculpe o desabafo: gratuita uma ova! Na educação configura-se uma das mais desavergonhadas parcerias público-privadas deste país: a escola é gratuita quando se trata do Estado, mas depois as famílias deixam centenas de euros anuais nos bolsos das editoras, certo?... E o lobby das editoras é de respeito, eu sei — conheço-o bastante bem. Não obstante, ainda que possam chamar-me ingénua, eu continuo a pregar para quem me quiser ouvir: Adote-se um sistema (tipo EUA) em que as escolas comprem diretamente os manuais às editoras, manuais esses que sejam emprestados aos alunos para uso durante o ano letivo e devolvidos em condições no seu final para uso pelos alunos do ano seguinte — assim só é preciso comprar a cada seis anos (em geral).

Dado que com isto a escola ajuda cada família a poupar pelo menos 200 euros anuais por filho, todos ganham (exceto as editoras, mas dessas não tenho pena) com o pagamento anual de uma propina de 100 euros, por exemplo. Já agora: sabe que o valor atual das propinas pagas pelos alunos do ensino secundário é de €0,15 (15 cêntimos) por período e por disciplina?! Ou seja, cada um dos meus alunos pagou ao Estado 45 cêntimos anuais para ter uma professora de matemática durante todo um ano letivo. Em contrapartida, pagou €45 a uma editora pelo manual que teve de comprar — o manual custou 100 vezes mais que o meu trabalho? Aqui, sim, sinto-me gozada e humilhada diariamente. Ainda mais quando aparecem encarregados de educação a quererem anular as matrículas por motivos como 'o horário escolar está a prejudicar a prática desportiva do meu filho e sem estas disciplinas fica com mais tempo para descansar dos treinos diários' (juro que não estou a inventar). Não seria legítimo ao Estado exigir o reembolso do dinheiro que este aluno está a custar a todos os contribuintes? É este o respeito devido à gratuitidade do ensino? Muito mais se poderia dizer, mas já lhe tomei muito tempo."

Esta carta, que me foi enviada por uma leitora devidamente identificada, uma professora que não fez greve e que teve de sofrer as pressões emocionais por esse gesto de coragem (com que outros colegas concordaram mas não ousaram), denuncia a falta de inteligência coletiva em Portugal. Por isso a transcrevo. O ministro Nuno Crato, como outros antes dele, está a tentar reformar um sistema pelo lado errado, destruindo uma classe profissional, em vez dos lobbies e dos interesses. No Reino Unido, o Estado chegava a pagar aos pais para os filhos não abandonarem a escola. Este tempo acabou de vez. Era bom que percebêssemos.

